

SAÚDE

Ambulatório dos Viajantes quer prevenir endemias

Unidade já está em funcionamento

ANDRÉA CIAFFONE
de São Paulo

Viver seu lado Tarzan em um hotel de selva na Amazônia, fazer um romântico passeio de bicicleta em Nantucket, na Nova Inglaterra, partir para uma excursão de ecoturismo na região do Petar, em plena Mata Atlântica, ou ir mais longe e organizar uma caminhada nas Montanhas Rochosas canadenses, ou mesmo um safári fotográfico no Quênia, ou ainda sentir o vento no rosto durante um passeio a cavalo nos campos ao redor de Jaguariúna, interior de São Paulo. Todas essas atividades desejáveis — por mais diferentes que sejam — têm uma coisa em comum: expõem o viajante ao risco de contrair algum tipo de endemia, ou seja, doenças infecciosas que se relacionam com determinadas condições climáticas e geográficas.

Homens de negócios, praticantes de esportes de ação, como rafting, rapel e escalada, ecoturistas, missionários, caminhoneiros e pessoas que vão visitar parentes são os que correm maior risco de contrair essas doenças. Para preveni-las e tratá-las foi inaugurado no Hospital das Clínicas, em São Paulo, o Ambulatório dos Viajantes.

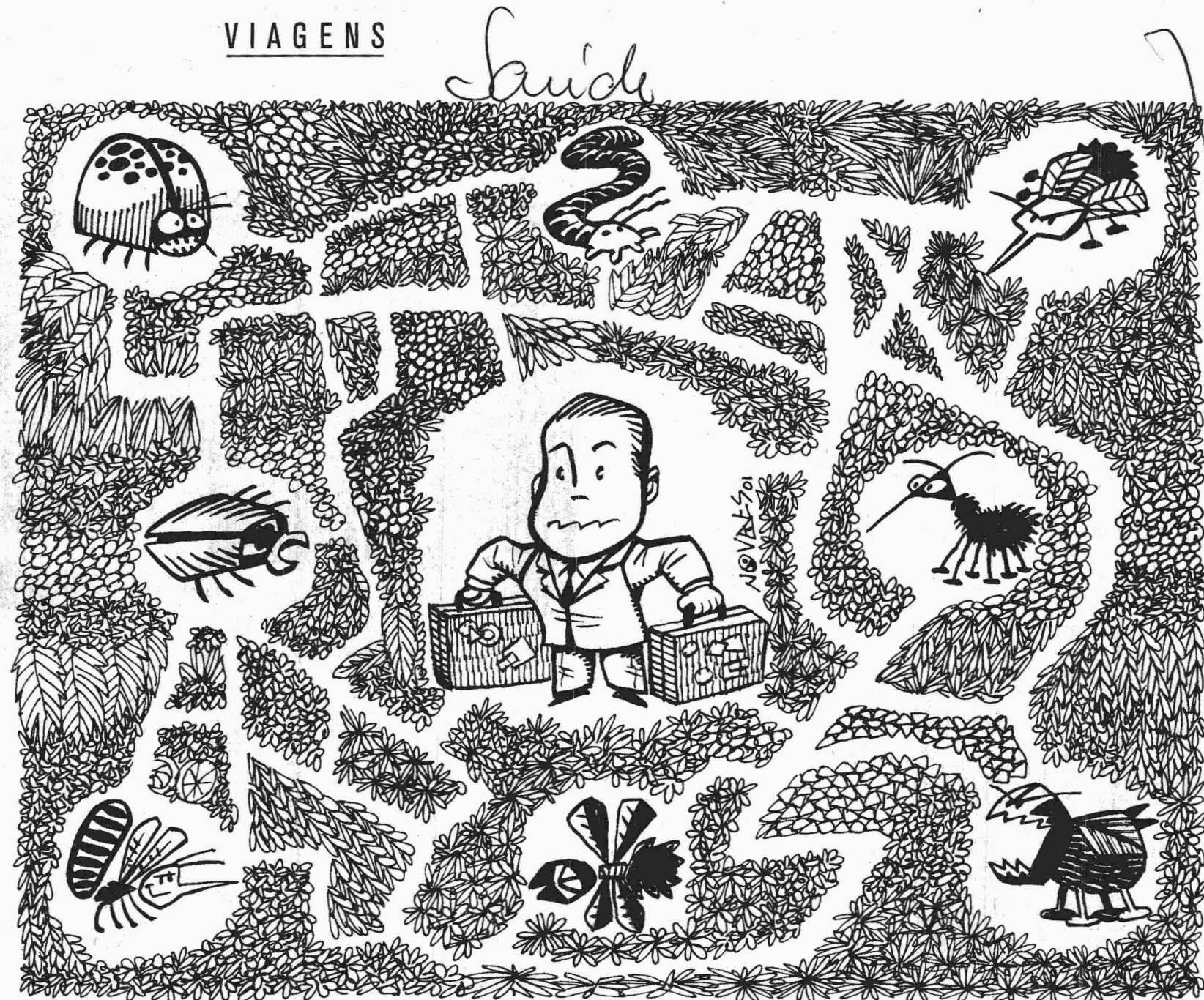
A iniciativa, que compreende atendimento clínico e laboratório, é fruto de parceria entre a Divisão de Moléstias Infecciosas do HC e da Superintendência de Controle de Endemias da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. “O conceito do Ambulatório dos Viajantes vai além de diagnosticar e tratar doenças e inclui prevenção, pesquisa e ações de combate aos agentes transmissores”, diz o médico assistente do ambulatório, Alexandre Padilha. “O viajante é um paciente especial porque ele pode trazer de suas andanças doenças que são tão incomuns na região onde vive que os médicos têm dificuldade em diagnosticá-las”, diz.

Segundo ele, não é raro que seus pacientes digam: “Passei por um monte de médicos e ninguém conseguiu descobrir o que eu tenho.” Padilha destaca que a demora no diagnóstico — até certo ponto natural — tem pelo menos dois efeitos negativos: retarda o tratamento e aumenta as chances de contágio nos casos de doenças transmissíveis, como as hepatites A e B.

Boa parte das doenças endêmicas só manifestam sintomas sete a dez dias depois do contágio, ou seja, quando a pessoa já está de volta em casa ou em um outro lugar. As estimativas apontam que diariamente 1,4 milhão de pessoas cruzam fronteiras, o que multiplica as chances de exposição a novas doenças de quem nunca saiu de seu ambiente. “Hoje em dia é possível chegar a qualquer ponto do planeta em 36 horas e não é raro ver pessoas, especialmente executivos, que no espaço de uma semana passaram por três continentes”, destaca o especialista. Uma preocupação quanto ao contágio é que esses viajantes de negócios podem se tornar vetores para o contágio de suas próprias famílias e colegas.

Há dois grupos de moléstias que são mais frequentes nos viajantes: as doenças tropicais endêmicas como a malária, para a qual não existe vacina — só no Estado de São Paulo surgiram quatro casos durante o mês de janeiro de 2001 —, a febre amarela, as hepatites, as viroses tropicais como a dengue e as diarreias dos viajantes, que podem ser provocadas por bactérias, amebas ou vírus. Há até algumas diarreias famosas, como a Vingança de Montezuma, que, segundo alguns estudos, ataca boa parte dos que visitam o México.

No caso da diarreia do viajante, são consideradas áreas de alto risco



— 20% a 50% de ocorrência em duas semanas de visita — a América Latina (inclusive Brasil e México), Oriente Médio, Sudeste Asiático e África. De médio risco — entre 15% e 20% —, Europa Mediterrânea, Leste Europeu, África do Sul, Caribe, Israel e China. As áreas consideradas de baixo risco — menos de

10% de ocorrência — são o norte e centro da Europa, América do Norte, Austrália, Nova Zelândia e Japão. Dentre as doenças que têm sintomas parecidos com a diarreia, a salmonelose pode levar à morte.

Os especialistas do Ambulatório dos Viajantes dizem que para cada destino de viagem há uma estratégia diferente. “Existem vacinas para muitas dessas doenças e cuidados básicos que são eficientes como prevenção”, diz o médico. Por exemplo, quem quiser fazer passeios ecológicos na Mata Atlântica deve usar calças compridas e camisas de manga longa e não descuidar da aplicação nas partes expostas de repelentes que contenham a substância Dett. No Estado de São Paulo, as áreas de contágio concentram-se nas proximidades do litoral, na região da Mata Atlântica.

Embora geralmente associadas com os climas tropicais, há várias endemias que ocorrem em climas temperados. Uma vez que praticamente não há mosquitos nessas áreas, a transmissão se dá por outros vetores. Um exemplo clássico desta situação ocorre nas ilhas do Estado de Massachusetts, na Nova Inglaterra, região do nordeste dos Estados Unidos que foi colonizada no século XVII e está entre as áreas mais “civilizadas” do planeta. Entretanto, é bem nessa região, que compreende as ilhas de Nantucket e Martha’s Vineyard, que ocorre o maior índice de contaminação da doença de Lyme. O vetor desta doença é um carrapatinho que costumava viver em cervos. Com a ocupação humana das ilhas, os cervos desapareceram e os carrapatos passaram a se alimentar do sangue humano. Sua ação provoca febre e intensas dores nas juntas e pode deixar até gente atlética de cama por meses. A recomendação é evitar as áreas cobertas por mato alto.

Nas Montanhas Rochosas nos Estados Unidos e no Canadá, por exemplo, há a ocorrência de uma endemia que no Brasil veio a se chamar febre maculosa, pois, além do mal-estar e da febre, a moléstia também provoca manchas na pele. Essa doença tem aparecido em áreas rurais de ocupação recente em torno de cidades como

Ribeirão Preto, Presidente Prudente e Jaguariúna, no Estado de São Paulo.

Existem vacinas para várias doenças endêmicas, como a febre amarela. De acordo com a recomendação da Organização Mundial de Saúde, um país pode recusar a entrada em seu território de qualquer pessoa vinda de uma área de risco — como é o caso do Brasil — se ela não provar que foi imunizada. Portanto, é importante sempre viajar com o comprovante de vacinação na bagagem.

Também é fundamental lembrar que a vacina contra febre amarela deve ser renovada a cada dez anos e pode ser tomada no postos da Saúde dos Portos, nos aeroportos de Congonhas e de Guarulhos, e também no Ambulatório dos Viajantes. “Como as recomendações variam conforme o destino, o melhor é que o viajante nos procure para obter informações sobre que medidas preventivas e que vacinas ele deve tomar”, diz o médico do Ambulatório dos Viajantes. Ele esclarece, entretanto, que no ambulatório só são aplicadas as vacinas que são de distribuição gratuita no Estado de São Paulo. “As outras, como as contra gripe e hepatite B, podem ser tomadas em clínicas particulares.” A vacina contra té-

tano, que também tem de ser renovada a cada década, a partir dos 16 anos, é outra indicação constante. As vítimas de acidentes automobilísticos, por exemplo, têm grande chance de desenvolver complicações provocadas pelo tétano.

Para ampliar sua ação como consultores, os médicos do Ambulatório

Além de diagnosticar e tratar doenças, o ambulatório exerce ações preventivas

dos Viajantes estão buscando parcerias com entidades de classe, como a Fiesp, para ministrar cursos para pessoas que têm de se deslocar com frequência no Brasil e no exterior por motivo de trabalho. Com orientação e prevenção é bem possível que muito menos gente tenha de passar pela terrível experiência de sentir o corpo dolorido, com febre, indisposição e estar no endereço errado. Quem já ficou doente longe de casa sabe a falta que faz o carinho da família, uma boa canja de galinha e um médico de confiança. ■

Ambulatório dos Viajantes do Hospital das Clínicas

Prédio dos Ambulatórios, 4º andar, av. Dr. Eneas de Carvalho Aguiar, 155, Tel.: 0800 555466